

O Mistério da Família White

Um nevoeiro envolvia a noite na cidade rural de Forkshill, contrastando com a fumaça que emanava do charuto do aclamado detetive Smith, que demonstrava aparente inquietação diante da situação em que se encontrava. Ele permanecia inerte diante da porta da residência de seu novo caso, que envolvia a busca de pistas ou até mesmo a resolução do desaparecimento da mãe e da filha, conforme relatado pelo pai.

As únicas informações que lhe foram concedidas indicavam que o ocorrido fora silencioso: num passe de mágica, ambas desapareceram como poeira. Com base nisso, o detetive adentrou o local, ou seja, a casa. Ele se viu imerso em um ambiente de mistério bem ordenado, onde vagava com desdém enquanto seus olhos trêmulos percorriam cada centímetro do cômodo, até se fixarem em quatro números, aparentemente escritos por uma criança, com giz na parede da sala. Curioso, o detetive questionou-se sobre o significado daqueles dígitos, até que um estalo ecoou em sua mente. Sua memória fotográfica trouxe-lhe a imagem de uma porta que, por coincidência, era a única que precisava de senha para ser aberta... Bingo! De fato, aqueles números abriram a porta, revelando um ambiente caótico repleto de gavetas.

Smith inspecionou a sala de escritório em busca de uma pista útil e encontrou uma pequena chave de esgoto, que parecia corresponder a uma tampa localizada na parte da sala próxima aos números. Sem hesitar, ele dirigiu-se até lá. A porta se abriu e POW!!! Esse foi o único som que o detetive ouviu antes de desmaiar, atingido por uma pancada na cabeça. Uma visão turva e borrada era tudo o que ele percebia, até que, aos poucos, a imagem foi se alinhando e revelando... o pai?! A figura masculina do pai agora estava diante de Smith, preso por amarras. O suposto estrondo era, na verdade, o local do crime da mãe e da filha, e agora também do detetive. Parece que o pai não era tão inocente quanto afirmava ser.